

O “novo tempo” nas artes e ofícios artesanais

Alguns dos actuais desafios na gestão do património cultural

Marta Santos(*)

Os tempos das matérias estarem à mão e dos objectos surgirem como necessidade

Falemos de tempos. Tempos de escassez, do “aproveitar o que está á mão”, de mobilidade, de transmissão de conhecimentos pela via do gesto e da oralidade, do desfazer e fazer de novo, do aprendendo fazendo e operando.

Procurava-se tirar o melhor partido das matérias que o território colocava à disposição, ou que dele podiam ser obtidos, por força da constante necessidade de adaptação ao meio, e onde “a necessidade faz o engenho”, as transformava com recurso a técnicas essencialmente manuais.

Os ritmos de trabalho, descanso e celebração estavam pautados pelas tarefas laborais, numa experiência comunitária interdependente do lugar e cujas manifestações seriam ritualizadas pelas relações e afectos de parentesco, laboral e vizinhança.

Na alteração destes “mundos” laborais, ocorreram profundas transformações.

Reconfiguraram-se os usos. O “tempo das coisas” modificou... Industrializou-se, criam-se outras oportunidades, implementa-se o sistema de ensino formal, reflectem-se identidades e novas questões sobre o património.

Assiste-se ao esbatimento entre rural e urbano, integram-se eventuais substitutos das economias tradicionais, integrando processos turísticos, de mercantilização, de mobilidade, e onde a paisagem rural sem ruralidade ganha o lugar de “paraíso perdido”, de retorno aos “costumes” num cenário imaginado alternativo ao quotidiano urbano.

Nestas reconfigurações, eventualmente algumas práticas, contextos e celebrações artesanais mantêm-se e continuam a fazer sentido nestes “produtores”, partilhando a necessidade do colectivo e das práticas quotidianas, e outras que se alteram para a construção de um “novo” ou apenas “renovado” significado.

A necessidade de artes e ofícios artesanais no século XXI

Já conseguimos viver em temperaturas constantes de 22°C... A casa, o carro, o escritório, as idas ao supermercado. Não necessitamos, para exercer a maioria das nossas tarefas do nosso quotidiano, de agasalhos de quem necessitava para exercer o seu ofício no exterior. Deles dependia, para o seu conforto e em certa medida sobrevivência, de um agasalho quente, resistente, impermeável, duradouro.

Já não temos necessidade de sermos criteriosos na selecção das matérias vegetais que constituem a cestaria, adequadas ao uso a que se destinavam – a cana para a cesta de derregar a cal, o esparto para a esteira de empreita de secar os figos, o vime para as canastras de peixe.

Alterámos a necessidade. Criámos novos sentidos. Procuramos outras respostas para os objectos.

Estas “antigas - novas” artes procuram hoje novos consumidores, encontrando frequentemente nas comunidades externas a aceitação de um repositório de “práticas populares” e de “lugar”.

Modificaram-se as motivações de consumo, mas valorizamos a arte e o ofício artesanal, num resgate de memória, quase que num registo etnográfico de um contexto, procuramos um sentido ecológico, procuramos histórias naquele objecto. O seu currículo vitae, onde nasceu, em que condições foi fabricado e sua história de vida. O seu contexto familiar. E queremos transportar este “micro-cosmo” do objecto para o nosso lar. Transportamos com ele os seus valores de contexto, de família, de modo de fabrico. E damos-lhe valor. Ganha outro sentido. O nosso sentido.

Encorpamos agora novos ou “renovados” significados, num processo de reformulação e de reinvenção, transportando novas significações da sua identidade.

(*) Arquitecta. Membro da direcção da AGEAL